

**ΡΥΣΜΟΣ
NA POESIA DE ARQUÍLOCO.**

Sérgio Cunha dos Santos
(U.S.J.T.)

Résumé

Le texte analyse le sens de *ρυσμός* (rhythme) dans le fragment 118 (Lasserre & Bernard) d'Archiloque et dans la vision grecque archaïque du monde. Comment les hommes réagissent-ils aux joies et aux chagrins que leur envoie inopinément Zeus et comment les actions et les réactions, les dieux et les hommes font partie d'un tout qu'est le *κοσμός*.

No intervalo dos combates, com pão amassado, com vinho de Ísmaro, apoiado na lança, servidor de Ares e das Musas, eu bebo. Passa desfilando nosso grande, admirável general marchando assim impassível para não desmanchar talvez os caracóis de seu penteado impecável. Isso eu contemplo de longe quando pelo vinho flui Dioniso em ditirambo de minha boca — eu canto o ramo de mirta e a rosa em sua mão, ela cheia de uma doce alegria; a sombra que por sobre os ombros deixavam seus cabelos e num instante já por cima caem ventre sobre ventre, coxas sobre coxas. Ó Zeus, teu é o império do céu, a ti essas alegrias e estas dores cabe alternar para os mortais, ao sabor da Τύχη; os companheiros mortos sob as ondas do mar agitado nós choramos, chora toda a cidade. Mas sem excesso. Tu, coração, levanta, resiste; aprende as faces do fluir que mantém os homens.

Cada instante pulsa nos versos de Arquiloco, e pulsa com sabor de primeiro. Dispersos pelos fragmentos, os sentimentos irrompem e arrastam por caminhos diversos do senso comum do Poeta. Os antigos diziam-no escorpião, rancoroso, insultador: puseram-no ao lado de Homero como um dos maiores. Para nós restam ruínas — delas porém, desses curtos momentos, mas intensos, marcados há mais de dois mil anos, a força é tamanha que às vezes parece em súbito incêndio presentificar o vivido, que se pode quase sentir o frêmito do todo ou se cria a ilusão de se ver, entre deuses e homens, no mundo arcaico.

Arquiloco é um fenômeno único. De certa forma representa e verbaliza sob forma de arte mudanças percebidas também por seus contemporâneos. Mas a marca de sua presença, que é o impacto de sua personalidade, o distingue e o individualiza mesmo em face dos que sucederam. E dentre os traços que o distinguem está a ausência de intenção didática, tão sensível em Homero, em Hesíodo, nos filósofos e nos historiadores. Arquiloco não quer ensinar; pelo contrário, está (se) aprendendo, está (se) descobrindo e não faz mais que revelar sua experiência — estilhaço do mundo em que vive, via quase única que percorremos para tentar compreender seu universo.

Mas por que sua figura é tão contrastante em face dos do seu tempo? Numa época em que na Grécia as guerras pela colonização eram constantes, começa paradoxalmente a surgir um movimento de descrença do ideal épico do guerreiro cantado por Homero. Inicia-se pouco a pouco uma busca pelo que é real e autêntico na vida e nesses combates cotidianos. Vai-se abandonando a idealização da existência e a predileção por valores aparentes da nobreza guerreira. Esses valores eram a excelência para o herói da epopéia, o καλὸν κάγαθόν por meio de que se adquirira a honra e se pretendia estar mais próximo dos deuses. Vergonha para os olhos, por exemplo, era ver morto um velho dentre os da primeira fila. O auge do esplendor humano repousava na beleza e no vigor físico de um jovem guerreiro. Quem primeiro glorificou a bela morte (καλὸς θάνατος) foi Homero, mas vieram líricos como Calino, Tirteu e Mimnemo estender e intensificar a tradição.

Na mesma época, sob forte influência da arte egípcia, a estatuária grega traduzia os ideais gregos na figura do κοῦρος. Um κοῦρος e um dístico elegíaco de Arquiloco postos lado a lado talvez nos ajudem a sentir mais de perto o impacto de seu gênio. Os

κουροι foram encontrados em templos e túmulos, donde a confusão para se discernir se (ou quando) representam o deus Apolo ou jovens guerreiros mortos em combate. Começaram a ser esculpidos em fins do século VII, mas a maior parte encontrada data do século VI. A produção de Arquilocho, Rodriguez Adrados a situa em meados do século VII¹. Ο κουρος é sempre um jovem, no auge da atividade viril, representado de pé, nu e, ainda que a perna esquerda esteja ligeiramente avançada (influência da estatuária egípcia), a frontalidade rigorosa e o peso do conjunto fazem logo sentir sua imponente estabilidade. Os músculos são cuidadosamente delineados e mostram a importância que se dava às virtudes atléticas. Os braços estão invariavelmente alinhados junto ao corpo ereto, os punhos cerrados, as mãos vazias. Voltemos nosso olhar para o poeta soldado:

Ἐν δορὶ μὲν μοι μάζα μεμαγμένη, ἐν δορὶ δ' οἶνος
Ἴσμαρικός· πίνω δ' ἐν δορὶ κεκλιμένος

(fr. 7).

Suas mãos estão ocupadas: uma segura um pedaço de pão, outra, uma taça de vinho. O corpo, num meneio meio displicente, apóia-se na lança, a mesma lança qua há pouco, no meio da batalha, penetrava a carne do inimigo (o escudo está fora da cena, abandonado em qualquer moita — mas a vida foi salva). Nas linhas da cabeça do κουρος o equilíbrio é perfeito, a começar pelos cabelos, em caracóis cuidadosamente arranjados e caindo pesados até os ombros, como grandes massas². O que mais impressiona porém é a expressão de serenidade e plenitude existencial do rosto, sustentada sobretudo por um sutil sorriso, conhecido como jônico ou arcaico, que perdurou por cerca de duzentos anos, até chegar a estatuária clássica. Muita coisa podia representar um sorriso no rosto do Poeta, menos essa calma segura e impassível. Pelo menos não após o segundo ou terceiro gole de vinho ismárico: que diga o infeliz gigante Polifemo cantado por Homero³.

Ao mesmo tempo em que o coração testemunha o surto de sentimentos de cólera ou amor desenfreados, como resposta às ações dos outros mortais, e permite com isso o início o início da revelação de uma personalidade individual, o homem se dá conta também de sua ἀμηχανία: está sem meios, impossibilitado de reagir em face dos acidentes monumentais da natureza, os desastres funestos inexplicáveis de que é vítima. Isso deveria, à primeira vista, gerar um conflito insolúvel, conflito que arrebataria o ser mortal. Um ser que se conhece capaz de protestar contra as injustiças das falsas aparências, de renegar o peso de toda uma tradição e da δόξα; mas contraditoriamente sem recursos para evitar ou sequer prever as distribuições de sortes e dissabores que comanda o acaso.

Vem despontando no homem um afastamento dos deuses, seja pelo fato mesmo do eu que se lhe inicia revelando-se, um início de autonomia, seja pela maneira como

1 — (1956: 6.)

2 — Cf. Lasserre & Bonnard, 1958: fr. 93.

3 — *Od.* XX 347-72.

agora se dirige aos mortais. Claro está que o comércio com os deuses da maneira familiar que ocorre na *Iliada*, mas sobretudo entre Ulisses e Atena na *Odisseia*, não há mais em Arquiloco. Ele sente a presença do deus, como veremos adiante, mas não há encontro ou diálogo. Arquiloco ou cita o deus ou o invoca. Não há um só fragmento em que o Poeta converse com o deus e, se houve, não chegou até nós. Mesmo Safo, na ode a Afrodite, não dialoga com a deusa: ela a invoca e faz a referência a um encontro passado⁴. Não se pode todavia, nem se quer, fazer entender que os deuses não se revelem, muito menos que não comandem os acontecimentos no mundo de Arquiloco, ou ainda que ele não os cultue. Sente a sua presença quando é arrebatado pelo amor *λυσιμέλης*, ou quando, embriagado, revelam-se Dioniso, jambos e dítirambos; quando na guerra solicita ou verifica a intervenção de Ares, Atena, Apolo, Hefesto. Nenhum deus, porém, revela-se tão assustadoramente poderoso como (a epifania de) Zeus nos fenômenos da natureza. O bem-estar e as aflições dos homens, os desastres no mar, na terra ou no céu que causam seu infortúnio, tudo são manifestações e comandos de Zeus pai. Dele tudo se pode esperar e tudo o que dele se origina é reto, é justo.

Como encarar então a postura de Arquiloco? Ódio e desejo de vingança reben-tam de seu coração, e o desejo do amor o decompõe — impede-o de reagir. O mesmo Arquiloco pede ao *θυμος* que reconheça e suporte com firmeza os reveses da sorte:

θυμέ, θύμ' ἀμηχάνοισι κήδεσιν κυκώμενε,
 ἄνα δέ δυσμενέων δ' ἀλέξευ προσβαλὼν ἐναντίον
 στέρνον, ἐνδόκοισιν ἐχθρῶν πλησίον κατασταθείς
 ἀσφαλῆως· καὶ μήτε νικέων ἀμφάδην ἀγάλλεο,
 μηδὲ νικηθεὶς ἐν οἴκῳ καταπεσὼν ὀδύρεο,
 ἀλλὰ χαρτοῖσιν τε χαῖρε, καὶ κακοῖσιν ἀσχάλα
 μὴ λην· γίγνωσκε δ' ὅτιος ῥυσμὸς ἀνθρώπους ἔχει,

"Coração, coração de imediatos nojos agitado,
 levanta, às aflições resiste lançado um contrário
 peito, a embustes de inimigos de perto contraposto
 com firmeza; e nem vencendo abertamente exultes
 nem derrotado em casa abatido te lamentes,
 mas com alegrias te alegria e com reveses te afflige
 sem excesso; e conhece qual ritmo regra os homens"

(Trad. de J. Cavalcante de Souza).

O que deveria ser causa de desespero parece ser aceito com calma e resignação. Que resignação há porém em contrapresentar o peito às aflições? Em enfrentar corajosamente os ardis dos adversários? Não é à apatia que o homem deve entregar-se mas a busca da correta medida, do equilíbrio. Saber como postar-se em face do inesperado, saber reagir, mas da maneira adequada. Conhecer o "ritmo" em que têm os homens.

4 – Ao contrário Parnéides não só conversa com a deusa como também a acompanha no carro alado às fronteiras da noite e do infinito.

Façamos nós também um esforço para conhecer o que é esse ρυσμός de que fala Arquíloco. Hoje em dia falamos de ritmo na música e na dança, em ritmo de vida, ritmo de trabalho. Cadência: sons, forma, movimentos ou situações que se alternam e se repetem a intervalos mais ou menos regulares, no tempo e/ou no espaço. Conhecer o ritmo que têm os homens seria então dar-se conta da alternância de acontecimentos bons e maus chegados como ondas do mar, indo e vindo de cada vez. Segundo Boisaq ⁵, foi justamente no movimento das ondas do mar que os gregos se inspiraram para criar a idéia de ritmo. Snell ⁶ diz: **el conocimiento de esta alternância es lo que permite soportala**. E nessa mesma linha, De Falco ⁷ dá sua tradução para o verso: “e aprende que tal é da vida o ritmo”.

Jaeger ⁸ chama a atenção para o significado real do termo em sua paideia. Ῥυσμός “é o que impõe firmeza e limites ao movimento e ao fluxo”. Não é fluência mas “pausas[...] constante limitação do movimento”. Conhecê-lo seria, pois, dar-se conta do âmbito humano diverso do divino. Daí sua interpretação para o verso: “conhece o ritmo que mantém os homens nos seus limites”. Semelhante à dele é a leitura de Rodrigues Adrados: **date cuenta de las alternativas a que está sujeto el hombre; e explica: aquí la necesidad de la resignación se fundamenta en el conocimiento de las limitaciones del hombre** ⁹.

Mas quem mais profundamente se ateuve ao significado da palavra foi Benveniste ¹⁰. Estudou a princípio a origem etimológica de Ῥυσμός: verbo ῥέω, “fluir, escorrer” (inspirado no movimento não do mar mas dos rios) + sufixo -θμός, que indica uma particularidade. A seguir estudou o valor com que é empregada em diversos escritores e concluiu que o sentido primeiro não é o “ritmo”, mas o de “forma”. É “maneira particular de fluir”, “forma distintiva, figura proporcionada, disposição”. Diferente de σχῆμα (de ἔχω, “ter, segurar”), “forma fixa”, é uma forma “momentânea, improvisada, modificável”. Baseado nessas conclusões, traduz assim o verso do Poeta: “aprende a conhecer as disposições que mantém os homens”.

São entretanto essas formas de algo que é fluido, movediço, que têm, mantêm, contêm ou retêm os homens. Formas de consistência transitória, mas que têm poder de segurar mortais — com uma condição: que eles as conheçam. Pois não tomar consciência delas é o primeiro passo para escapar do que detém, para exceder, cair além dos limites do justo, onde está a ὕβρις. Ignorância de seu âmbito e desmedida acabam sendo uma só coisa. Passar por cima do Ῥυσμός é passar para o lado da ὕβρις. Hesfodo já alertava para tal ao chamar νῆπιος seu irmão Perses.

Ver a vida como um fluir e não como um ritmo aproxima a atitude de Arquíloco ao pensamento de filósofos pré-socráticos como Heráclito. Se a vida não é apenas

5 - (1923: s.v. *rithmós*.)

6 - (1965: 104.)

7 - (1941: 72.)

8 - (1986: 150.)

9 - (1956: 56, fr. 211.)

10 - (1976: 361-70.)

cadência e alternância, então a vida é um fluxo, um fluxo de formas que correm diferentes a cada vez, mas um fluxo:

Aos que entram nos mesmos rios outras e outras águas afluem; almas exalam do úmido.
Nos mesmos rios entramos e não entramos, somos e não somos.
Em rio não se pode entrar duas vezes no mesmo [...] ¹¹

Mas o que rege o homem, ou é a sua medida, não é exatamente nem a correnteza do rio nem o ritmo do mar, nem um fluxo nem um fluxo-e-refluxo. A vida são os estanques ilusórios do fluxo, as formas assumidas por ele a cada momento, a todo instante. O fluir, que é o absoluto, repousa então em Zeus pai de homens e de deuses, filho de Cronos e Réa, e as faces instantâneas do seu fluxo são a epifania Τύχη e das Μοῖραι. Zeus rei, sendo filho de Crono e Réa ¹², engloba em sua essência de um lado o tempo e o fluxo, a direção de cada instante da existência, com seus vários aspectos e influências sobre o κόσμος, a ordem universal que vige em cada instante e em todos; de outro lado cabe a ele regular o fluxo do tempo, até o ponto em que não mais se pode saber qual dos dois comanda o outro, de qual dos dois depende a existência do outro.

A origem e o fim do ῥυσμός estão em Zeus pai. A ele cabe decidir como fazer cada dia para os homens, punir os que cometem injustiça, recompensar os que agem retamente ¹³. Muda o Θυμός dos homens de acordo com as circunstâncias que prepara Zeus para aquele dia, pensam os homens de acordo com as atitudes que tomam ¹⁴. Não se deve falar pois em alternância, mas talvez em alteração interdependente.

ἄλλοτέ τ' ἄλλος ἔχει τάδε (fr. 1)

Males se voltam para um, para outro. Não há alternância de bens e males, mas mudanças no aspecto do fluxo: enquanto mostra uma face favorável àquele, a este apresenta outra terrível, e dali a pouco inversamente. Alterações de circunstâncias e de caráter. A Zeus cabe regular as circunstâncias, aos homens alterar e adequar suas atitudes de acordo com aquelas.

Em muitos fragmentos de Arquíloco verifica-se esse interesse pela alteração, seja em relação aos aspectos do fluxo vital, seja no que se refere à atitude de revolta do Poeta contra os valores universalmente aceitos. No plano estrutural a alteração é registrada primeiro por uma negação (οὐ, οὔτε, μήτε, μηδέ) – renegar primeiro. Em seguida vem a apresentação do que o Poeta considera correto ou pelo menos melhor, introduzida por ἀλλά. Ora, ἀλλά é uma derivação de ἄλλος (alter, "outro"), que no início tinha valor adverbial ("de outro modo", "outramente") e que com o correr do tempo passou a ser usada como conjunção coordenativa. É ainda alteração, contrapresentação de outra idéia, de outro ânimo, de outra visão de vida. Então a reação do homem é lícita, mesmo porque participa de seu ânimo, é um aspecto de seu θυμός. Basta, para não

11 – DK 22 B 12, 49.91 ap. Cavalcante de Souza, 1973: 86.90.94.

12 – Cf. a cosmogonia de Ferécides de Siros citada por Vernant (1981: 80).

13 – Rodríguez Adrados, 1956: fr. 31.

14 – Cf. Lasserre & Bonnard, 1958: fr. 115-6.

cometer excesso, saber até onde se pode levar ou ser levado por essa reação, aprender qual ῥυσμός regra os homens.

A percepção de Arquiloco em relação aos movimentos da corrente vital vai tão longe quanto a presença e a participação dos deuses em sua existência. Quando não mais se pode reagir, quando se está atônito sem recursos (αμηανος) resta dar-se conta dos seus limites, tolerar, suportar com firmeza. Já vige aí muito da essência do humano da visão grega antiga. Mas os deuses mesmos foram quem deu aos mortais o remédio da tolerância, e isso nos faz pensar imediatamente na onisciência de Zeus, do Zeus presciente que aceita o embuste de Prometeu na Teogonia: como no fragmento seguinte:

Zeus ἐν θεοῖσι μάντις ἀψευδέστατος
καὶ τέλος αὐτὸς ἔχει

(223).

A tolerância é o remédio de homens para os males que ele, Zeus, deverá causar. O sistema ou κόσμος está perfeito, a rede de causas e conseqüências, de ações e reações está completa. Querer escapar a ela é transgredir a ordem natural das coisas e correr o risco de sofrer punição.

BIBLIOGRAFIA

OBRAS DE REFERÊNCIA.

- BOISAQ, E. **Dictionnaire étymologique de la langue grecque**. Paris, C.Klincksieck, 1923.
- CHANTRAINE, P.- **Dictionnaire étymologique de la langue grecque**. Paris, C.Klincksieck, 1980.

OBRAS ESPECIAIS.

- BENVENISTE, E. - **Problemas de lingüística geral**. São Paulo, Nacional – EDUSP, 1976.
- HAUVETTE, J. - **Archiloque**, Sa vie et ses oeuvres. Paris, Garnier, 1905.
- JAEGER, W. **Paideia**. São Paulo, Martins Fontes – UNB, 1986.
- SNELL, B. **Las fuentes del pensamiento europeo**. Madrid, Razón y Fe, 1965.
- VERNANT, J. P. **As origens do pensamento grego**. São Paulo, DIFEL, 1981.

TEXTOS.

- CAVALCANTE DE SOUZA, J. Ed. **Os pré-socráticos**. São Paulo, Abril Cultural, 1973.
- FALCC, F. DE & COIMBRA, A. F. **Os elegíacos gregos**, de Calino a Crates. São Paulo, FFLC-USP, 1941.
- Laserte, F. & BONARD, A. **Archiloque**, fragments. Paris, "Les Belles Lettres", 1958.
- RODRIGUEZ ADRADOS, F. **Liricos griegos**, elegíacos y yambógrafos arcaicos. Barcelona, Alma Mater, 1956. v.I.